

REFLEXÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Airan Celina Sepúlveda dos Santos Rocha de Abreu¹

Simone de Jesus Sena da Silva Sousa²

RESUMO

A situação atual da educação perpassa por diversos desafios e dilemas que abarca desde a formação docente às práticas em sala de aula, por isso a necessidade de se refletir acerca das contribuições da filosofia na educação. O objetivo proposto para a discussão é refletir sobre a relação entre filosofia e educação, destacando os interesses subjacentes que implicam na formação docente. A metodologia do estudo segue as orientações da pesquisa bibliográfica, na qual recorremos às contribuições de alguns teóricos como, Dalbosco (2008) Ghiraldelli (2002), Mészáros (2005) Perissé (2008), Scalcon (2008) e outros, através de leituras e diálogos reflexivos e críticos. Os resultados do estudo demonstram que a importância da filosofia da educação para a formação docente reside na iniciativa de formação e desenvolvimento profissional para a problematização da realidade, o que impulsiona uma mudança de olhar para o alargamento de fronteiras à busca dos interesses subjacentes que interferem na realidade educativa, na tentativa de moldar comportamentos e desejos.

Palavras-chave: Filosofia. Filosofia da Educação. Formação docente. Professores críticos-reflexivos.

INTRODUÇÃO

O questionamento acerca do papel da filosofia na formação docente, no contexto educacional atual, leva-nos a problematizar o tipo de formação que nos é oferecida e o tipo que se objetiva atingir, nos aspectos de uma sólida e consistente base teórica nos campos gnosiológico, epistemológico e axiológico, tendo em vista uma formação mais sólida e ética dos profissionais responsáveis pela formação intelectual e cidadã dos sujeitos sociais. Esse questionamento, envolvendo as formações inicial e continuada, contribui para o desenvolvimento profissional e acadêmico dos professores no que tange a qualidade das práticas educativas, pedagógicas e docentes permeadas pelo pensamento filosófico.

Para a realização deste estudo, demo-nos a ler e a dialogar de forma crítica reflexiva com autores, como: Dalbosco (2008), Ghiraldelli (2002), Mészáros (2005), Perissé (2008), Scalcon (2008) e outros. De forma que, o estudo se caracteriza como uma abordagem qualitativa do tipo bibliográfica, na qual realizamos uma revisão de literatura a partir de produções já publicadas sobre a temática. Para Moreira e Caleffe (2008) uma pesquisa de cunho bibliográfico, é desenvolvida a partir de material já elaborado, composto principalmente de livros e artigos científicos.

¹ Mestranda em Educação – UFPI, airandeabreu@gmail.com.br.

² Mestranda em Educação – UFPI, simoneessena@yahoo.com.br.

A realização deste estudo justifica-se pela relevância e necessidade da problematização a cerca da contribuição que a filosofia pode trazer à prática dos docentes, subsidiando de forma crítica a construção da identidade docente e conseqüentemente sua prática.

Fomos guiadas pelos questionamentos: Que relações se configuram entre filosofia e educação? Como a filosofia contribui na formação inicial e continuada dos professores? O presente artigo se estrutura com os seguintes tópicos: Relação entre filosofia e educação; Interesses subjacentes à educação e à formação docente e Considerações finais.

Relação entre Filosofia e Educação

É relevante pensarmos a educação como instrumento de reflexão e transformação no momento em que estamos vivendo, com isso ressaltamos a prática docente, enquanto mediadora do processo educativo e o pensamento filosófico atrelado ao ato de educar. Nesse sentido o pensamento filosófico necessita estar ligado ao desenvolvimento da ação docente, pedagógica e educativa, para influenciar de maneira argumentativa e problematizadora o ato de educar e sua dinâmica.

A filosofia e a educação se relacionam e nessa relação destacamos que as características do filosófico podem ser assimiladas pelos educadores, logo os educadores necessitam conhecer e compreender as características e os estilos dos filósofos. Acreditamos que os educadores podem transformar-se em educadores filósofos na perspectiva de Perrisé (2008), nesse sentido professores podem desenvolver atitudes e qualidades do filósofo, a saber, ser e manter-se curioso, procurar pistas, agir como pesquisador, ser crítico, problematizador, observador, pensante, lembrando que para isto acontecer é necessário que os educadores percebam o sentido e significado de agir como filósofo.

Nessa reflexão o pensamento filosófico surge no contexto educativo como oportunidade para o educador se desenvolver, compreender, transformar, produzir conhecimentos com a intenção de explicar e entender a realidade social, cultural e histórica, porque sabemos que a realidade educativa é permeada por desafios como condições de trabalho, lacunas no processo de formação, diversidade cultural presente nos espaços educativos, contradições da profissão, dentre outros, que nem “sempre” são problematizados e considerados na prática dos docentes.

Diante dos desafios e dilemas no contexto educativo, e de certa forma atrelado ao pensamento filosófico, apresentamos a concepção de filosofia “pós-metafísica” discutida por Dalbosco (2008), e que se caracteriza pelas interações sociais construídas histórica e

linguisticamente porque somos sujeitos capazes de falar, elaboradores de signos, vivemos um processo constante de desenvolvimento de nossas habilidades linguísticas, sociais, históricas e culturais. A filosofia “pós-metafísica” é voltada para a compreensão de uma realidade complexa da sociedade, na qual o professor precisa estar em constante formação, em interações com outros profissionais para socialização, trocas de saberes e de conhecimentos. É nessa dinâmica e através do pensamento filosófico que nos tornamos seres pensantes, reflexivos críticos e consciente de nossa atuação profissional e de cidadão.

Com a relação entre filosofia e educação almejamos uma educação que vise mudanças ou até a transformação da ação docente e dos discentes, tendo por objetivo a formação de pessoas e profissionais pensantes, críticos e reflexivos. Nessa perspectiva, a filosofia da educação tem sua especificidade, distinguindo-se das demais ciências, inclusive da própria pedagogia enquanto ciência da educação, ao primar por uma prática educativa questionadora, que problematiza o conhecimento. Logo nos indagamos por que a filosofia da educação se diferencia das demais ciências?

Para uma compreensão aceitável da concepção da filosofia da educação corroboramos com Perissé (2008, p. 9) ao afirmar:

A filosofia da educação (que comporta diferentes estilos de fazer filosofia e trabalha com diversas concepções de educação) tem sua terminologia específica e seus procedimentos, distinguindo-se das chamadas ciências da educação – a sociologia da educação, a psicologia da educação, bem como da própria (e por incrível que pareça às vezes esquecida) pedagogia, que é legítimo considerar como a principal ciência da educação, base da formação e da atuação profissional do professor.

Para o autor, a filosofia da educação difere das demais ciências, em sua especificidade e seus procedimentos, enquanto ciência que valoriza os questionamentos, uma vez que a filosofia da educação abarca diversas concepções da educação, daí sua importância para a educação de modo geral, bem como para a formação, ensino, aprendizagem, práticas, currículos e outros elementos da educação.

Quando pensamos na relação entre filosofia e educação, concordamos com Perissé (2008, p. 09) ao afirmar que “As reflexões oferecidas pela filosofia contribuem para que as ciências da educação trabalhem fundamentadas em conceitos rigorosos e orientadores.”. Com isso avançamos em conhecimentos e produções, no ensino e na aprendizagem fundamentados com um conjunto de conceitos e princípios que contribuem com a problematização e questionamentos das práticas formativas, no sentido de contribuir de forma significativa para o desenvolvimento intelectual, emocional e afetivo dos professores, consequentemente dos estudantes.

Seguindo essa reflexão acerca da filosofia da educação, é interessante entender em que concepção a entendemos, o que ela discute, almeja, pleiteia, o que a caracteriza e o que a define, por isso recorreremos ao pensamento de Perissé (2008, p. 10) quando afirma:

O que a filosofia da educação pleiteia como algo próprio, como característica definidora, é uma atitude de renovada perplexidade e de radical questionamento perante o processo educativo. Essa atitude provoca a busca sistemática do sentido da educação.

Essa busca do sentido da educação é bem ampla, abarca algumas dimensões como a formação, o ensino, a aprendizagem, as práticas, as relações e interrelações entre outras. Diante do que se faz necessário que os professores descubram e sintam essa complexidade e a importância para sua vida pessoal, profissional e acadêmica, tendo em vista uma consciência crítica da educação.

Do mesmo modo, ressaltamos um dos grandes desafios para o professor de hoje, ser professor e filósofo, desempenhar atitudes de criticidade, criação, afetação, ser problematizador e observador dos processos educativos, em suas dinâmicas e consequências nos âmbitos sociais e pessoais, bem como das diretrizes políticas que estruturam e organizam as propostas formativas.

Ainda sobre o papel do filósofo é interessante destacar o “espírito de investigação” que se remete também ao professor pesquisador, pois ambos precisam dessa atitude investigativa, de buscar possibilidades para as situações problemas, que surgem no espaço escolar e, de forma especial, nas salas de aula. Diante do que, o professor precisa ser instigante, realizar pesquisas, buscar novas descobertas, produzir conhecimentos e ir além da rotina burocrática, mecânica e repetitiva das atividades escolares.

A contribuição da filosofia da educação torna-se significativa para repensarmos conceitos e práticas educativas, como por exemplo, o processo formativo dos professores, as práticas educativas, pedagógicas e docentes; reinventarmos o mundo da escola; reavaliarmos as funções de gestores, coordenadores e professores, diante da realidade educativa permeada por uma diversidade de pensamentos, ideias e conhecimentos.

Em consonância com Perissé (2008), a filosofia da educação pode ser compreendida como um fenômeno educativo em sua totalidade, como uma *antropologia* – na qual a filosofia da educação procura desenhar uma concepção de ser humano que norteará a prática educativa, mas do ser humano não-reduzível aos limitados interesses de diversas instâncias de poder, nesse sentido é possível analisar antropologicamente o papel dos centros educativos; como uma *axiologia* – cuja filosofia da educação investiga os valores que envolvem o ensino e o aprendizado. Uma teoria sobre os valores não os vê destacados da realidade, como eflúvios

individuais que variam conforme nossos humores; como uma *etimologia* – a filosofia da educação observa as palavras, penetra em suas entranhas. As palavras tem corpo e nesse corpo vemos significados e sentidos que fazem sentido para o mundo do aprendizado; e como *teleologia* – a finalidade (télós) está presente em nossa mente quando pensamos a educação, ou é de se esperar que esteja.

Dessa forma, percebemos a contribuição da filosofia da educação para o processo educativo, em sua condição de problematizar e desvelar conhecimentos acerca do ser humano, dos valores que envolvem o processo de ensino e de aprendizagem, do sentido e significado real da educação e das nossas concepções de educação.

É imprescindível a contribuição da filosofia para a educação e para o processo educativo em suas várias dimensões, como formação, currículo, avaliação, planejamento, práticas entre outras. Com essa percepção ressaltamos que a importância da filosofia da educação para a formação docente reside na iniciativa de formação e desenvolvimento profissional para a problematização da realidade, o que impulsiona uma mudança de olhar diante da realidade, o alargamento de fronteiras que vai além do visível, procurando os interesses subjacentes que interferem na realidade, tentando moldar nossos comportamentos e desejos.

Assim, como Perissé (2008), Ghiraldelli (2002) traz suas contribuições acerca do filósofo e da filosofia da educação ao afirmar que o filósofo da educação respeita a atitude de profissionais que estão envolvidos com a educação, que buscam proporcionar aos educandos um sentido para a vida e para a educação. Existem, portanto, semelhanças entre as ideias dos autores quando ambos ressaltam características do filósofo, bem como a busca do sentido da educação que torna-se relevante para professores e educandos.

Na discussão e elaboração de um sentido para a educação, o professor filósofo precisa da presença ativa da filosofia e da filosofia da educação, como assegura Perissé (2008, p. 16):

Por ser autêntica filosofia, a filosofia da educação é interrogação crítica que oferece respostas desconcertantes, ampliando nossa consciência mais do que a anestesiando com receitas apaziguadoras. O filósofo da educação não saberá exatamente como alfabetizar uma criança nem produzirá manuais sobre o uso de determinados aparatos tecnológicos da sala de aula.

Interessante percebermos nessa reflexão do autor, que a filosofia da educação nos oferece possibilidade de criticar e ampliar nossa consciência para descobrir o novo, para perguntar, saber questionar, porque é imprescindível saber elaborar perguntas.

A filosofia relacionada a educação pode dar aos professores a capacidade de realizar argumentos discursivos e consistentes, pois o filósofo, segundo Ghiraldelli (2002, p.31), “[...]”

é um especialista em criar um discurso a respeito de uma boa pedagogia”. Nesse sentido a educação nos dá capacidade para aprender e mudar nossa compreensão do processo educativo e da realidade, por meio do pensamento crítico-reflexivo.

Uma questão relevante e refletida por Perissé (2008) que acreditamos ser indispensável nessa relação entre filosofia e educação é a necessidade da fidelidade e do rigor metodológico, porém de forma clara, simples, facilitando a apreensão dos conteúdos com palavras acessíveis, do modo mais direto possível, através de uma linguagem clara, no diálogo com seus alunos, para que haja uma compreensão aceitável das situações-problemas e dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Nessa percepção ressaltamos a relação entre professor e aluno que carece ser de uma forma democrática, horizontal, em um espaço que favoreça o diálogo rico de compreensão, porém sem perder o sentido e rigor metodológico do conhecimento científico no processo educativo.

Interesses subjacentes à educação e à formação docente

Para compreender os interesses subjacentes ao direcionamento da educação e da formação docente torna-se necessário contemplar a relação entre educação e seus “verdadeiros” interessados, principalmente aqueles que monopolizam o poder de decisão e controle social, em especial, o capital. Mészáros (2005) sistematiza uma visão de educação ligada intimamente aos interesses do capital, asseverando que para que haja mudanças ou reformas educacionais e a desvinculação da educação dos interesses exclusivamente do capital, aprioristicamente seria necessário mudanças no quadro social, como categoricamente pontua:

Poucos negariam hoje que os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução estão intimamente ligados. Consequentemente, uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudança. (MÉSZÁROS, 2005, p. 25)

Defendendo que os interesses educacionais são organizados para responder aos interesses do capital, o autor pontua “As instituições de educação tiveram de ser adaptadas no decorrer do tempo, de acordo com as determinações reprodutivas em mutação do sistema do capital” (2005, p. 42). Pensar a educação para tentar romper com essa lógica, implica uma formação docente de viés filosófico, que mais do que contextualizar e reproduzir conhecimentos e conteúdos didáticos, possa antes de tudo, tentar compreendê-los e questionar sua validade, interesse e origem, refletindo como por exemplo: a quem interessa que a

sociedade saiba determinado conteúdo? Para que sociedade formamos nossos alunos? Formamos trabalhadores ou cidadãos? Como a lógica do capital interfere na formação humana e cidadã da sociedade? Sob que lógica os docentes são formados: reprodutores dos interesses do capital ou profissionais emancipados e emancipadores?

Com esses questionamentos e muitos outros, tomamos uma atitude crítica ante a prática docente dos professores, mas, questões assim não surgem naturalmente, precisam ser provocados através de contatos com materiais variados, docentes críticos e discussões pertinentes, para que o docente possa transpor o nível de alienação e reprodução dos interesses do capital e evoluir para um nível de pensamento mais sistemático, problematizador e crítico. Entender a realidade e os fatores que produzem essa realidade é o começo para o desenvolvimento de uma consciência sistemática e crítica.

Vivemos sob condições de uma desumanizante alienação e de uma subversão fetichista do real estado das coisas dentro da consciência (muitas vezes também caracterizada como 'reificação') porque o capital não pode exercer suas funções sociais metabólicas de ampla reprodução de nenhum outro modo. (MÉSZÁROS, 2005, p. 59)

A formação docente está atrelada a uma hierarquia de políticas subordinadas a lógica do mercado, essa lógica é elaborada, segundo Scalcon (2008, p. 37) “com base em acordos estabelecidos entre o Brasil e organismos internacionais regionais, mundiais e hemisféricos”, com o objetivo de “imprimir um caráter salvacionista à educação, tanto no que se refere ao combate de problemas sociais como de problemas econômico”. Desta forma, a autora salienta que as deficiências na formação estão subordinadas direta ou indiretamente aos interesses dessa hierarquia.

Na base da hierarquia encontram-se os professores e os alunos, muitas vezes acrílicos e sem ter o conhecimento real das decisões e posicionamentos tomados por dirigentes interessados em contemplar seus interesses pessoais, restando à aqueles a aceitação e reprodução dos direcionamentos verticalmente impostos, caso não haja, no desenrolar do processo, provocações formativas que contribuem para o desvelamento desta realidade latente.

A alienação, segundo Scalcon (2008), acontece através de mecanismos de controle de um ensino verticalizado que visa formar profissionais instrumentalistas e reprodutores de uma ideologia preestabelecida, conduzindo muitas vezes a uma desqualificação e desumanização já que induz o docente a um trabalho educativo reprodutivista e alienante, neste aspecto a autora reforça a concepção de educação subordinada a lógica do capital proposta por Mézáros (2005).

Nesse contexto, Perissé (2008, p. 10) deixa claro a relação e a importância existente entre a filosofia e a educação, enquanto processo que contribui para nossa humanização e conhecimento real da realidade subjacente:

[...] na verdade, investigando de modo implacável a própria filosofia, verificamos no seu cerne uma constante relação com a educação, na medida em que ela educa o nosso pensamento, educa-nos para os valores humanizantes, para a convivência, educa-nos para saborear a vida e para morrer com dignidade.

Observamos com o autor a relação entre filosofia e educação, na medida em a filosofia educa nosso pensamento, nossa ação, para que possamos valorizar e respeitar a humanidade. Através da filosofia, nessa perspectiva, podemos superar pensamentos alienantes ao pensarmos de forma questionadora e crítica o mundo que nos cerca.

Conhecer e questionar essa realidade é papel do docente que também precisa desenvolver estratégias estimulantes para que seja assumida também pelos discentes, que só poderá efetivar-se se o próprio docente possuir uma formação convergente a esses posicionamentos. Neste contexto, Mészáros direciona o trabalho do educador: “Nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora.” (MÉSZÁROS, 2005, p. 76).

Pensando no filósofo e seu papel na educação elencamos várias atribuições como já foi citado anteriormente, porém cabe salientar a observação dos processos educativos, com a intenção de compreendê-los, e de “recompreendê-los” numa ação constante de filosofar. Entretanto, filosofar é observar e reobservar, pensar e repensar, com base em pressupostos, premissas e com uma atitude de assombro que deve ser atualizada constantemente (PERISSÉ, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como forma de combate a uma formação reprodutivista, podemos contar com a filosofia da educação enquanto campo teórico de formação humana e cidadã. Valorizar a filosofia da educação enquanto campo de conhecimento fundamental para a educação é o começo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, ao contarmos com docentes crítico-reflexivos construtores, problematizadores e pesquisadores da realidade, objetivando o mesmo espírito investigativo nos educandos.

Nesse percepção ressaltamos que a importância da filosofia da educação aos interesses subjacentes dos docentes na busca para a problematização da realidade, o que impulsiona uma mudança de olhar diante dos acontecimentos que permeiam no contexto

educativo, o alargamento de fronteiras que vai além do visível, procurando os interesses subjacentes que interferem na nossa realidade tentando moldar nossos comportamentos e desejos.

A atitude filosófica de problematizar e desenvolver a crítica presente na Filosofia da Educação prioriza o questionamento da realidade de uma forma geral e a própria formação docente, de uma forma mais específica, com a finalidade de desvendar a lógica que direciona a educação e propor o rompimento com essa lógica, o que deve expressar o compromisso profissional e social de todos os docentes.

REFERÊNCIAS

- DALBOSCO, C. A. Filosofia e Formação docente. In: KUIAVA, E.; SANGALLI, I.J.; CARBONARA, V. (Org.). **Filosofia, Formação Docente e Cidadania**. Ijuí, RS: Ed. UNIJUÍ, 2008. p.37-55.
- GHIRALDELLI, P. Jr. Conflitos básicos: filosofia, filosofia da educação e pedagogia. In: _____. **Filosofia da educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.11-45.
- MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. Tradução: Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- PERISSÉ, G. **Introdução à filosofia da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- SCALCON, S. O pragmatismo epistemológico e a formação do professor. **Revista Percursos**. Florianópolis, v. 9, n. 2, 2008, p. 35-49 . Disponível em:< <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1576/1390>>. Acessado em: 02 dez. 2018.